

Aprendendo a “olhar”: o uso de imagens em sala de aula

Ana Lúcia Aguiar¹
Fernanda Matos²

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o uso de imagens e suas abordagens nas aulas de sociologia como parte do processo de aprendizagem problematizando o lugar da imagem no processo de ensino de sociologia. Procuraremos discutir as potencialidades da imagem e seu uso na sala de aula com base na experiência vivida e compartilhada de duas professoras de sociologia que realizaram oficinas de fotografia com suas turmas de ensino médio. O presente artigo nasce com o interesse de discutir os processos construídos desde a participação e realização de oficinas fotográficas do projeto de extensão universitária "Pimentas nos Olhos" com o Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas (VISURB) coordenado pela Prof. Dra. Andrea Barbosa na Universidade Federal de São Paulo, campus Guarulhos, desde 2009. Através da produção de imagens os jovens estudantes são convidados a perceber diferentes maneiras de “enxergar” o mundo em que vivemos e seu lugar nele.

Palavras-Chave: fotografia, etnografia, ensino de sociologia.

Abstract

This article have aims to reflect on the use of images and their approaches in sociology classes as part of the learning process by problematizing the place of the image in the process of teaching sociology. We will discuss the potentialities of the image and its use in the classroom based on the lived and shared experience of two professors of sociology who do photographic workshops with their high school classes. The present article is born with the interest of discussing the processes built since the participation and realization of photographic workshops of the project of university extension "Peppers in the Eyes" with the Group of Visual and Urban Research (VISURB) coordinated by Prof. PhD. Andrea Barbosa at the Federal University of São Paulo, Guarulhos campus, since 2007. Through the use of photographs, young students are invited to perceive different ways of "seeing" the world in which we live.

Keywords: photography, ethnography, sociology teaching.

¹ Mestre em Ciências Sociais pela Unifesp. Email para contato: analidiaaguiar@gmail.com

² Mestranda em Ciências Sociais pela Unifesp. Email para contato: sorriso.fernanda@gmail.com

Introdução

Vivemos expostos a um espetáculo de imagens, produzidos instantaneamente, conscientemente ou não, descartadas, reformuladas em programas de edição de imagens e logo depois compartilhadas para milhares de pessoas, muitas vezes por meio das redes sociais. Nessa profusão de imagens, o que nos retém a atenção é o enquadramento; a escolha do que se mostra e o que se deixa de mostrar; o que se publica e o que não se publica, ou seja, a maneira de pensar, produzir e gerir essas produções. O que esse processo pode nos dizer? Qual o potencial das imagens como instrumento de construção de conhecimento em ambiente escolar? Como entender a sociedade que vivemos a partir das imagens?

De estudantes a professores

Práticas etnográficas como oficinas fotográficas ganharam o nosso interesse na análise e na produção do conhecimento por meio do uso de imagens desde quando ainda éramos estudantes de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo.

Ainda no ano de 2009, quando ocorreu a primeira oficina fotográfica do projeto de extensão universitária “Pimentas nos olhos” com jovens estudantes do Bairro dos Pimentas na cidade de Guarulhos, experimentamos o início do que viria a ser uma das principais estratégias metodológicas para nossas aulas de sociologia que ainda estavam por vir: ensinar diferentes conceitos das ciências sociais por meio da análise de imagens como forma de compreender os diversos interesses que cercam a nossa vida no mundo.

O Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas da Unifesp (VISURB) coordenado pela Prof. Dra. Andrea Barbosa, que desenvolvia, na época, uma pesquisa sobre as fronteiras simbólicas entre as cidades de São Paulo e Guarulhos³. As oficinas estavam inseridas neste projeto como um setting etnográfico e tinham por objetivo perceber a construção e

³ Trata-se da pesquisa “Onde São Paulo acaba?” Realizada com financiamento da modalidade Jovem Pesquisador FAPESP entre 2009 e 2013 (processo 08/10541-0). Nesta pesquisa buscou-se perceber os fluxos das identidades e alteridades criados na relação entre São Paulo e Guarulhos e, mais especificamente, as identidades e alteridades construídas pelos jovens moradores de um bairro “periférico” de Guarulhos – O Bairro dos Pimentas na sua dupla relação com Guarulhos e com São Paulo.

cruzamento dos olhares e memórias dos jovens moradores do bairro dos Pimentas e de muitos de nós estudantes de ciências sociais, que também experimentávamos o lugar, - devido ao ingresso na Universidade, ou nosso local de moradia.

Alguns anos mais tarde, já formados e lecionando a disciplina de sociologia no ensino médio em escolas estaduais de Guarulhos e São Paulo, incorporamos em nossas aulas e em atividades extraclasse a nossa experiência nas oficinas fotográficas “Pimentas nos olhos” e algumas outras experimentações etnográficas. Essas práticas eram utilizadas sempre em diálogo com nossos interesses pedagógicos, seja para problematizar conceitos como cultura, por exemplo, seja pela própria prática de desnaturalizar o olhar que, para nós, estava associada à prática do estranhamento que desenvolvemos com os estudantes como parte do “olhar” do cientista social.

Nosso objetivo, portanto, é apresentar uma “experimentação” do uso, abordagem e possibilidade de provocar sensações e interpretações com e por imagens no sentido de suscitar múltiplos caminhos para o aluno compreender a realidade que o cerca a partir das aulas de sociologia.

Não é tarefa fácil desconstruir e reconstruir o modo como fomos ensinados a viver em nossa sociedade através do processo de socialização. No Ensino Médio os estudantes se deparam com a disciplina de Sociologia que recebe algumas orientações curriculares tendo como proposta central sensibilizar o estudante para compreensão e prática dos conceitos de estranhamento, desnaturalização e desconstrução dos fenômenos sociais. Como apontado no documento de Orientações Curriculares para o Ensino Médio (Sociologia) o professor não tem a função de formar sociólogos, nele evidencia a necessidade de uma mediação pedagógica para o processo de aprendizagem de conteúdos que compõe a disciplina. Desta forma, nós estudantes universitários ao nos tornarmos professores, utilizamos os saberes construídos no âmbito do grupo de pesquisa como uma prática mediadora de conhecimento a ser realizada em sala de aula.

Segundo Barbosa (2012) o olhar não envolve apenas a “visão” como artefato biológico, mas também a percepção, a afetividade, a audição e memória. Tal situação nos permite indagar sobre a premissa da neutralidade do olhar. Pois, o que se vê pode ser muito além do aparente, essa visão pode ser sinestésica, ela nos suscita histórias afetivas, referências e escolhas. Podemos olhar como podemos escolher não olhar para uma dada realidade.

Desse modo, usamos a fotografia como recurso didático para apresentar elementos da nossa vida social. Fazemos o movimento de perceber como uma máquina que capta

aquilo que se quer ver e o que fazer mediante toda uma gama de convenções e simbolizações atreladas à nossa cultura. As imagens que vemos e produzimos não é uma realidade observável, mas uma expressão de um conjunto abstrato do qual nós não conhecemos mais do que certas manifestações exteriores (Sorlin apud Barbosa, 2002:6). Trabalhar com imagens é trabalhar com imaginários resignificados cotidianamente, inclusive pelo nosso próprio olhar, pois assim como a cultura é movimento, as imagens que fazemos dela e a partir dela também o são, modificando as formas de viver e de lidar com o mundo que nos cerca.

Ao produzir fotografias mobilizadas pelas oficinas, os estudantes não apenas fotografaram, mas criaram uma nova maneira de enxergar o mundo (Barbosa, 2012). Enxergar significa reconstruir o “olhar” a partir das escolhas estéticas e afetivas, de enquadramentos, focos e dimensões. Ou seja, como resultado das inquietações metodológicas trazidas através das imagens.



Wilson France R. Bastos - Oficina “Pimentas nos Olhos”
Na escola Estadual Lindamil Barbosa de Oliveira/2009.

Como bem nos lembra Caiuby (2004), entender imagens significa voltar-se não para o real, mas para parte dele que não é percebido facilmente. Quando apresentávamos as

imagens produzidas pelos estudantes na sala de aula e as comentávamos num exercício compartilhado, conseguíamos estranhar o que nos é familiar, assim como faz a experiência etnográfica, e perceber coisas que no cotidiano não nos dávamos conta.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio em Sociologia indicam dois princípios metodológicos básicos: o estranhamento e a desnaturalização do olhar. O exercício com as imagens nos ajudava justamente a problematizar esses dois movimentos para a construção do olhar das Ciências Sociais e também a dinamizar o trabalho nas aulas.

O Estranhamento da realidade

Quando nos propomos a usar as imagens para desconstruir o olhar, buscamos desenvolver o exercício do estranhamento. Isto é, propor ao aluno que estranhe a realidade que o cerca como forma de não compreender as situações sociais como algo dado e passível de julgamentos a partir do modo como cada um foi educado, de preconceitos e senso comum. Além disso, o estranhamento se faz importante porque ele nos ajuda a perceber o próprio conhecimento como uma construção e como forma de transformação de nós mesmos.

De acordo com Moraes e Guimarães (2010), o estranhamento como recurso metodológico ajuda a questionar, a não aceitar aquilo que estamos acostumados a olhar de uma dada maneira; estranhar é se perguntar por que os eventos sociais e a própria sociedade se constrói de uma determinada forma etc, o estranhamento nos proporcionaria o questionamento de uma dada realidade ou situação que não conhecemos ou não esperávamos que fosse acontecer. Estranhar é não achar normal, é se incomodar diante de fatos que para nós poderiam ser cotidianos, ou daquilo que não se conhece, das diferenças. De acordo com a prática do estranhamento, os educandos são convidados ao questionamento do porquê as coisas ou fatos acontecem de uma determinada maneira, como acontecem, quando acontecem. Isto é, é possível estranhar não apenas aquele que é apresentado como diferente, mas também o que se é familiar.

Portanto, “estranhar situações conhecidas, inclusive aquelas que fazem parte da experiência de vida do observador, é uma condição necessária às Ciências Sociais para ultrapassar – ir além – as interpretações marcadas pelo senso comum, e cumprir os objetivos de análise sistemática da realidade (Moraes e Guimarães, 46:2010).

Nesse sentido, a utilização de imagens como estratégia de ensino para promover o estranhamento deve ser compreendida a partir da ideia de que linguagens diferentes

possibilitam formas de pensar diferentes. Já que imagens “se configuram tanto como um modo de provocar como de expressar a pesquisa, situação que em alguns casos não seria possível somente com a escrita” (BARBOSA, 2009 p.72).

Assim como as linguagens sonoras elaboradas pelos diferentes grupos sociais são concebidas como sistemas de representação que se referem à forma como as sociedades se organizam (SILVA, 2010), as imagens também são. Elas provocam o estranhamento, conseqüentemente leva ao questionamento sobre a sociedade.

Neste sentido, é importante estabelecer qual é o lugar da imagem no processo de ensino e aprendizagem? Ela fala? Silencia? Quais as suas potencialidades? Tentaremos responder a estas questões, a partir de uma reflexão sobre imagens realizadas durante as oficinas fotográficas realizadas entre os anos de 2008 a 2014.

Fotografando podemos construir uma nova paisagem do nosso itinerário, isto é, criar maneiras diferentes de “enxergar”, subvertendo muitas vezes a posição convencional dos elementos do mundo, colocando-os de acordo com nossa experiência, nossos desejos e memórias que são elaborados e reelaborados individualmente ou coletivamente na imagem que construímos. Essa é a provocação e o desafio que levamos da nossa experiência no Grupo de pesquisa aos nossos alunos do ensino médio.

Desnaturalização do Olhar na sala de aula

Quando nos propomos utilizar imagens em sala de aula, assumimos um dos maiores desafios epistemológicos no Ensino Médio que é a construção do olhar mediado pelas Ciências Sociais. Isto é, problematizar o olhar do aluno, ensiná-lo que há diversas maneiras de “olhar” (DE CERTEAU, 2009).

Um dos objetivos é problematizar sobre como olhamos para o mundo, para a sociedade na qual estamos inseridos e como nos relacionamos uns com os outros, isso porque geralmente não paramos para pensar como se dão essas relações e agimos como se fossem naturais de nosso convívio.

Partimos da problematização de que nada é natural, e sim socialmente construído, inclusive o nosso olhar. Pois, entendemos que a sociedade molda o modo como olhamos para ela, uma vez que são nossos interesses, a maneira como fomos educados que foca a maneira como vemos a sociedade. Mas, se essa passa por um constante processo de construção, isso significa que o nosso olhar também.

Problematizamos a ideia de que as relações nem sempre existiam da mesma maneira, em todas as sociedades e em todos os tempos históricos. Quando mobilizamos imagens sobre festas de casamento, brincadeiras infantis, funerais, hábitos alimentares e modos de vestir, conseguimos provocar outras maneiras de olhar para o diferente. Inclusive, compreendendo que o que estamos habituados não é natural, mas uma das possibilidades no amplo espectro da criatividade humana.

Consideramos que o nosso olhar é a lente que capta e focaliza o que queremos ver o que nos interessa. Isto é, nós só conseguimos ter a dimensão de um fragmento da vida social, nunca de sua totalidade.

Essa sensibilização permite desconstruir o olhar sobre o que poderia ser uma dada realidade. É certo que passamos por um grande aprendizado, desde a infância, no que tange a leitura e a escrita. Mas não podemos esquecer que a visão também é aprendida, logo não é algo dado naturalmente a nós. Ou seja, o modo como olhamos para o mundo e para o que nos rodeia é ensinado. Desde que nascemos somos ensinados a perceber certas cores, certas formas e dar sentido a elas. O mundo físico vai ganhando sentido e aos poucos nossa visão vai sendo investida do olhar.

Para realizar esse movimento com nossos estudantes, fazemos, num primeiro momento, a análise e interpretação de imagens que são familiares aos seus olhos culturalmente informados, como festas de aniversário, casamento, fotos turísticas etc. Cada uma dessas imagens, geralmente, são facilmente identificadas e os elementos que as compõem são acionados como definidores do porque eles reconhecem os elementos que compõe a fotografia como referentes do assunto tratado. Por exemplo, nas fotos abaixo.



Imagens do arquivo de fotos do Visurb. Oficina fotográfica, aula sobre memória.

Na leitura coletiva das imagens, a primeira resposta é que se trata de um casamento e uma festa de aniversário respectivamente. Elementos como as flores, o ato da assinatura, o buquê etc., na primeira imagem; e o bolo em primeiro plano na fotografia, as bexigas de decoração e principalmente a presença das pessoas organizadas atrás do bolo para compor a cena de recordação daquele momento. Neste momento da oficina são discutidas as convenções fotográficas que são ensinadas e que ganham forma nas imagens.

Porém, quando mostramos imagens que não são comuns à nossa sociedade e a cultura dos alunos ou mesmo que não fazem parte de seus repertórios de socialização, as dúvidas começam a surgir. Casamentos de outras sociedades tornam-se procissões ou mesmo funerais, trabalhos exercidos por crianças no mangue, são lidos como brincadeiras, etc. A partir dessas leituras os estudantes passam a se questionar o que ele consegue “olhar” e, desta forma, como ele foi socialmente educado para conseguir compreender algumas imagens e outras não.

Essas primeiras problematizações acerca do olhar que construímos proporciona ao aluno compreender como seu olhar está repleto de visões de mundo e que nem sempre o que “olhamos” corresponde aos demais olhares. O que captamos em nossa lente visual, passa a ser entendida como uma das muitas possibilidades e assim sendo, é possível olhar para o mundo de outra maneira de conceber a diversidade existente em nossa sociedade.

As Oficinas

A proposta inicial do projeto “Pimentas nos olhos”, no qual atuamos como estudantes universitários, era provocar uma reflexão conjunta acerca das identidades e alteridades construídas pelos jovens moradores de um bairro “periférico” de Guarulhos – O Bairro dos Pimentas. Com o tempo, o projeto ganhou outros espaços de atuação, incorporou novos interlocutores e novos temas: “Masculino na Cidade”, “A Felicidade”, “O som da cidade”, “O bairro do Morro doce”, “Entre o passado e o futuro: Vila Maria Zelia”, entre outros.

Nas escolas onde atuamos como professores, trabalhamos através das oficinas questões como o conceito cultura (temas da proposta de ensino de sociologia para o Ensino Médio nas escolas do Estado de São Paulo) e a construção do conceito de periferia (vista como uma paisagem em constante transformação, onde os moradores mobilizam estratégias para garantir dignidade e sobrevivência que vai além do projeto familiar de melhoria de vida, pois busca alcançar mudanças significativas para o local e para o grupo que compõe suas redes de sociabilidade).

Na realização das oficinas, acompanhamos e ministramos aulas para os diferentes grupos de jovens, sendo eles: alunos do Cursinho Comunitário Pimentas, alunos do Ensino Médio de escolas estaduais paulistas, graduandos da Unifesp, jovens da Pastoral da Juventude e Ponto de Cultura Reação na cidade de São Paulo. Esses vários jovens, cada um em seus contextos específicos apresentaram em suas fotografias o que para cada um deles fazia sentido e era importante na sua história e relação com o lugar e tema da reflexão conjunta que era proposta.

Fatores como pertencimento, envolvimento político, angústia, indignações, afetividade e desejos foram enquadrados e fotografados com curiosidade e cuidado. As provocações elencadas durante as oficinas sobre o uso da imagem como a leitura de imagens que parecem familiares, mas que tem contextos totalmente diferentes do que conseguimos interpretar com o nosso repertório cultural, também é um ponto forte na hora de fotografar. Os “novos fotógrafos”, enfrentando o desafio de uma nova linguagem e um novo olhar para o mundo que o cerca buscam o novo, o diferente, o engraçado e até mesmo o bucólico.



Daiane Santos - Oficina “Pimentas nos Olhos” no Cursinho comunitário Pimentas/2011

As fotografias apresentam imagens ligadas ao imaginário e a experiência que eles possuem no bairro, ou seja, as imagens trazem esse lugar contextualizado na história dos indivíduos e na própria cidade, uma forma específica de “enxergar” a sociedade. As

fotografias provocam sentimentos, lembranças, afetos. Silenciam e, mas também fazem falar.⁴

Assim, como nos ajuda a pensar DIDI-HUBERMAN,

[...] a imagem arde. Arde com o real do que, em um dado momento, se acercou (como se costuma dizer, nos jogos de adivinhações, “quente” quando “alguém se acerca do objeto escondido). Arde pelo desejo que a anima, pela intencionalidade que a estrutura, pela enunciação, inclusive a urgência que manifesta (como se costuma dizer “ardo de amor por você” ou “me consome a impaciência”) [...] Arde pela *dor* da qual provém e que procura todo aquele que dedica tempo para que se importe. Finalmente, a imagem arde pela *memória*, quer dizer que de todo modo arde, quando já não é mais que cinza: uma forma de dizer sua essencial vocação para a sobrevivência, apesar de tudo (DIDI-HUBERMAN, 2012, P.216).



Ana Lúcia Aguiar - Oficina “Pimentas nos Olhos”
Na escola Estadual Bartholomeu de Carlos/2012.

⁴ Sobre essa questão ver BARBOSA, 2016.

Nas oficinas realizadas no Bairro dos Pimentas, em cada grupo, novos elementos constituíam aquela paisagem periférica. Diferentes “olhares” buscavam clicar os cenários, a infância e os amigos. Evidenciando questões como a da memória, da experiência vivida e também da biografia individual e da história coletiva, ou seja, as imagens produzidas envolviam e faziam parte direta ou indiretamente da vida deles, mas também de muitos outros moradores do bairro.

Os participantes da oficina realizaram um esforço muito grande, durante o ato de fotografar, experimentando novos enquadramentos, buscando novos olhares sobre a própria fotografia e sobre eles mesmos. Os jovens passaram a praticar e utilizar a fotografia de uma maneira diferente daquela já tão conhecida e utilizada por eles, feitas para as redes sociais, como a típica foto que o antebraço é o elemento central, a famosa *self*, ou mesmo aquelas fotografias tiradas pelo espelho.

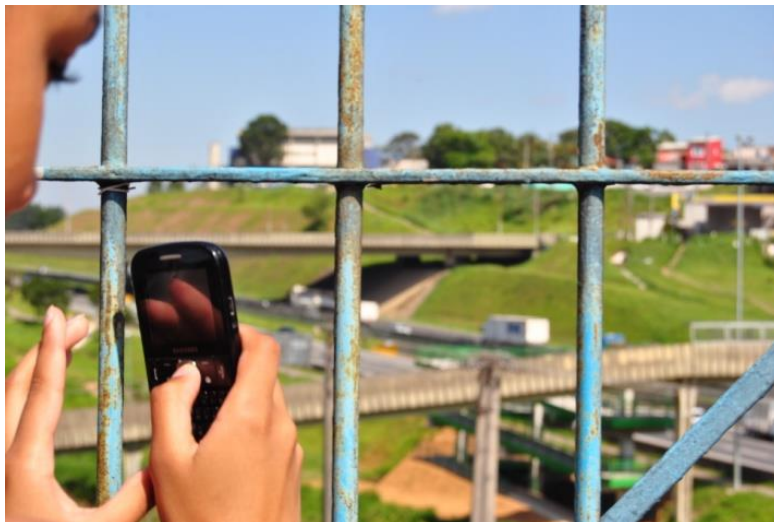
O empenho dos jovens estudantes estava em problematizar a construção de uma nova forma de enxergar para seu cotidiano através das lentes da câmera fotográfica. Agora munidos de algumas técnicas e noções da linguagem fotográficas novas expectativas com as fotografias foram criadas, antes de clicar, eram observadas todas as escolhas envolvidas no ato fotográfico como o enquadramento, planos, luz, movimento. O objetivo de apresentar o seu bairro também ganhou outro sentido, um sentido mais coletivo. O cotidiano ganhou outros destaques nas imagens. Todo o trabalho foi uma troca. Trocamos conhecimento e histórias. Compartilhamos momentos de muita reflexão e trabalho.

Nas oficinas realizadas no Bairro os Pimentas, os jovens moradores participantes do projeto dividiam o espaço com alunos da Unifesp que também praticavam a oficina e os pesquisadores do Visurb. Na troca de olhares, trocávamos experiências e nesse movimento emergiam vários “Pimentas” o bairro dos que nasceram ou moram há muito tempo, o do olhar do “estrangeiro”, que vê e reconhece pouco, mas que também buscava fazer parte daquele lugar, o Pimentas do encontro.

Ao longo das oficinas, questionávamos como um instrumento que parece simples e hoje em dia muito acessível, a máquina fotográfica, desafia-nos. Pois aqui, buscamos transformar as imagens em reflexão crítica do papel do indivíduo na sociedade, do seu papel como morador e como cidadão. A fotografia provocou nossos interlocutores o “enxergar” através daquela lente o seu “Pimentas”.

Neste sentido,

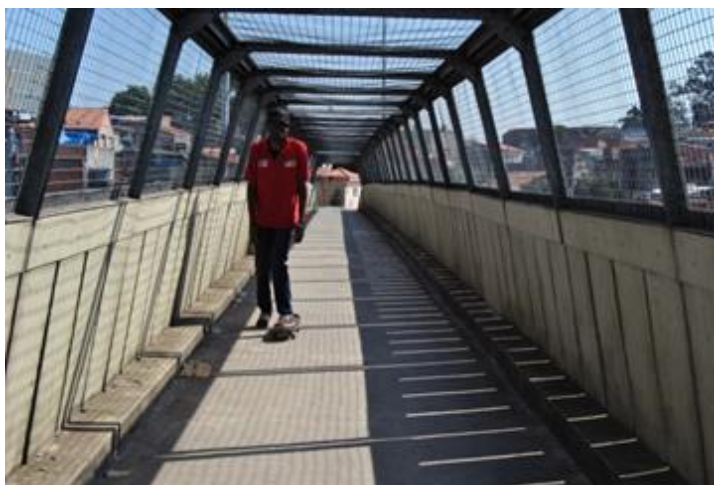
Às potências de “fazer falar” e “provocar” das fotografias, poderíamos acrescentar mais uma, o “fazer enxergar”. Enxergar é um olhar, digamos, mais denso, que mobiliza a troca de olhares. É o olhar para as imagens fotográficas e através delas perceber as camadas e faces que se superpõem, procurando nelas as relações possíveis. (BARBOSA, 2016, P.197).



Fernanda Matos- Oficina “Pimentas nos Olhos”
Na escola Estadual Bartholomeu de Carlos/2012



Joseane Cesário- Oficina “Pimentas nos Olhos”
Na escola Estadual Bartholomeu de Carlos/2012



Juliana Cesário- Oficina "Pimentas nos Olhos"
Na escola Estadual Bartholomeu de Carlos/2012



Felipe Ferreira- Oficina "Pimentas nos Olhos"
Na escola Estadual Bartholomeu de Carlos/2012

As imagens acima foram produzidas pelo grupo de alunos que participaram da oficina fotográfica na escola estadual Bartholomeu de Carlos, localizada no bairro dos Pimentas em Guarulhos. Nelas podemos observar um pouco sobre o que é o Pimentas para eles, jovens moradores e o que ele pode se diferenciar de outros tantos "Pimentas" que são construídos a partir do que se vive ou se quer viver. Ausências e presenças que carregam sentimentos de pertencimento.



Fernanda Matos _ Grafite realizado pelos alunos durante a exposição fotográfica _
“Pimentas nos olhos” na Escola Estadual Bartholomeu de Carlos/2012.

Considerações finais

O ensino de Sociologia no Ensino Médio (que, na verdade abrange as Ciências Sociais como um todo) tem como base que o conhecimento sociológico com suas atribuições básicas de investigar, identificar, descrever, classificar e interpretar/explicar todos os fatos relacionados à vida social, permitindo instrumentalizar o aluno a decodificar a complexidade da realidade social que o cerca.

A sociologia, segundo Florestan Fernandes, é importante para “a formação de atitudes capazes de orientar o comportamento humano no sentido de aumentar a eficiência e a harmonia de atividades baseadas em uma compreensão racional das relações entre os meios e os fins, em qualquer setor da vida social” (Fernandes 1977). Ou ainda, “dar ao aluno uma visão não estática nem dramática da vida social, mas que lhe ensine técnicas e lhe suscite atitudes mentais capazes de levá-lo a uma posição objetiva diante dos fenômenos sociais” (Fernandes:1977).

O aluno poderá “construir” uma postura mais reflexiva e crítica diante da complexidade do mundo moderno.

Assim, pela via do conhecimento sociológico sistematizado, o educando poderá construir uma postura mais reflexiva e crítica diante da complexidade do mundo moderno. Ao compreender melhor a dinâmica da

sociedade em que vive, poderá perceber-se como elemento ativo, dotado de força política e capacidade de transformar e, até mesmo, viabilizar, através do exercício pleno de sua cidadania. (PCN:2000, 35)

A disciplina tem também um desafio constante de incentivar o exercício crítico e consciente que devemos ter enquanto cidadãos, ou seja, desenvolver nos estudantes novas atitudes cognitivas necessárias ao exercício efetivo da cidadania. Nesse sentido, o conhecimento sociológico certamente beneficiará nosso estudante na medida em que lhe permitirá uma análise mais acurada da realidade que o cerca e na qual está inserido. Mais que isto, as Ciências Sociais constitui uma contribuição decisiva para a formação da pessoa humana, já que nos faz refletir sobre o caráter coletivo da vida em sociedade.

Para conseguirmos promover os desafios que a disciplina nos provoca é imprescindível que tenhamos um bom repertório metodológico para sensibilizar os alunos. Nesse sentido, o diante das experiências relatadas, a prática metodológica de pesquisa etnográfica e do uso da produção e análise de imagens passou a ser também uma prática pedagógica a ser integrada às aulas de sociologia no Ensino Médio pelos professores e pesquisadores do grupo de pesquisa Visurb. O uso da imagem como recurso didático potencializa o ensino e novas perspectivas da relação, reflexão e da ação no mundo.

Compreendemos que ao desnaturalizar nosso olhar e as imagens que tanto nós produzimos com as que nos são apresentadas na TV, nos jornais e nas mídias sociais nas aulas de sociologia, possibilitaram ao aluno o movimento de “olhar”, ou seja, reconhecer-se como agente que participa da construção da sociedade que vive e também o movimento do “enxergar”, adensando sua relação com o mundo a partir de uma postura crítica e consciente construída de forma compartilhada a partir de suas vivências e experiências.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. *Imagem-conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas: Papyrus, 2009.

BARBOSA, Andrea; [et al]. *A experiência da imagem na etnografia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2016.

BARBOSA, Andréa. *São Paulo Cidade Azul: Ensaio sobre as imagens da cidade no cinema paulista dos anos 1980*. São Paulo. Alameda, 2012.

CUNHA, Edgar Teodoro; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. *Imagem-conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas: Papyrus, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação, (2000). *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Brasília, MEC/SEF.

DIDI-HUBERMAN, G. "Quando as imagens tocam o real." In: *Revista Pós*. Belo Horizonte, v. 2, n. 4 nov 2012. <http://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/viewFile/60/6>

FERNANDES, FLORESTAN. "O Ensino da sociologia na escola secundária brasileira" IN: *A sociologia no Brasil. Contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1977.

MEC. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias*. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf. Acesso em 13/05/10

MEC. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/baseslegais.pdf>. Acesso em 14/05/10

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MACDOUGALL, David. "Significado e ser." In: Barbosa, Cunha & Hikiji (Orgs). *Imagem-conhecimento: Antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas: Papirus, 2009.

MORAES E GUIMARÃES, Amauri Cesar e Elizabeth da Fonseca. *Metodologia de Ensino de Ciências Sociais: Relendo as OCEM- Sociologia*, In *Explorando o Ensino Sociologia*. Volume 15. Ministério da Educação, Brasil, 2010.

NOVAES, Sylvia Caiuby. "O uso da imagem na antropologia" IN: SAMAIN, Etienne (org). *O Fotográfico*. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Senac, 2005.

MARESCA, Sylvain. "O silêncio das imagens." In: Samain, Etienne. *Como pensam as imagens*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.